

Caminhos para a colaboração: reflexões sobre o Movimento Estudantil Secundarista no IFSP

Fabia Dalla Nora¹, Rodrigo Palucci Pantoni²

Resumo

Este estudo tem como foco o Movimento Estudantil Secundarista (MES) no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), com o objetivo de compreender as ações, atividades e principais temáticas abordadas pelas diferentes agremiações, visando a contribuir para a criação de espaços de troca de ideias e de diálogos coletivos entre elas, fortalecendo-as enquanto coletivos. Para isso, utilizou-se o método de estudo de caso. De modo geral, constataram-se similaridades, contudo, apesar das inter-relações nas práticas existentes, evidenciou-se a inexistência de diálogo e comunicação entre as diferentes agremiações, configurando uma problemática a ser sanada, com vistas ao incentivo à atuação coletiva e colaborativa.

Palavras-chave

Movimento Estudantil Secundarista (MES). Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Comunicação.

¹ Mestra em Educação Profissional e Tecnológica no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Brasil. E-mail: fabiadallanora@gmail.com.

² Doutor em Engenharia Elétrica pela Universidade de São Paulo, Brasil; professor no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Brasil; coordenador do Centro de Pesquisa e Inovação em Computação Aplicada à Indústria na mesma instituição. E-mail: rpantoni@ifsp.edu.br.

Paths to collaboration: reflections on the Secondary School Student Movement at IFSP

Fabia Dalla Nora¹, Rodrigo Palucci Pantoni²

Abstract

This study focuses on the Secondary School Student Movement (MES) at the Federal Institute of Education, Science, and Technology of São Paulo (IFSP), state of São Paulo, Brazil, aiming to understand the actions, activities, and main themes addressed by different associations, in order to contribute to the creation of spaces for the exchange of ideas and collective dialogues between them, strengthening them as collectives. To this end, the case study method was used. In general, similarities were found, however, despite the interrelations in existing practices, the lack of dialogue and communication between the different associations became evident, which constitutes a problem to be addressed, with a view to encouraging collective and collaborative action.

Keywords

Secondary School Student Movement (MES). Professional and Technological Education (PTE). Communication.

¹ Master's degree in Professional and Technological Education, Federal Institute of Education, Science, and Technology of São Paulo, State of São Paulo, Brazil. Email: fabiadallanora@gmail.com.

² PhD in Electrical Engineering, University of São Paulo, State of São Paulo, Brazil; professor at the Federal Institute of Education, Science, and Technology of São Paulo, State of São Paulo, Brazil; director of the Center for Research and Innovation in Applied Computing for Industry at the same institution. Email: rpantoni@ifsp.edu.br.

Introdução e percurso metodológico

Os movimentos estudantis desempenham um papel de extrema relevância no fortalecimento de espaços de formação humana integral e crítica para os estudantes, pois contribuem para a prática democrática e para a formação de sujeitos críticos. Esses movimentos se constituem como um dos principais movimentos de exercício da democracia desempenhados pelos estudantes nos espaços escolares, contribuindo para a formação cidadã e fortalecendo o protagonismo social, cada vez mais escasso na sociedade atual.

Além disso, a atuação dos estudantes nos movimentos estudantis é relevante para vincular educação e prática social, permitindo-lhes compreender a realidade concreta e, com isso, opor-se aos processos alienantes por meio de debates e ações sobre os diversos fenômenos sociais. Por isso, esses movimentos constituem um espaço adicional para o desenvolvimento integral dos alunos, representando um ambiente pedagógico no qual há produção de saberes diversos e debates acerca das disputas e contradições, contribuindo, assim, para uma formação humana integral e crítica, conforme os objetivos defendidos pela Educação Profissional e Tecnológica (EPT).

Nesse contexto, fundamentado na vinculação entre educação e prática social, Ramos (2010) questiona quais são as “razões de ser” do ensino médio, bem como sua finalidade, uma vez que, ao longo de sua história, a educação – e, principalmente, a educação profissional – teve como uma de suas principais finalidades a preparação para o mercado de trabalho. Para a autora, o ensino médio deve estar centrado na formação da pessoa humana, nos sujeitos, e não no mercado de trabalho. Ademais, ela complementa que ele deve estar centrado nos sujeitos “cujo projeto de vida se constrói pelas múltiplas relações sociais, na perspectiva da emancipação humana, que só pode ocorrer à medida que os projetos individuais entram em coerência com um projeto social coletivamente construído” (Ramos, 2010, p. 48).

Nesse sentido, pode-se inferir que os movimentos sociais – entre eles, os movimentos estudantis – e a EPT caminham juntos em direção a uma educação que seja humana e contra-hegemônica. Acredita-se, desse modo, em uma educação voltada para a formação de sujeitos emancipados, socialmente conscientes, que compreendam as relações que permeiam o mundo do trabalho e que lutem contra as formas de precarização do trabalho e de retirada de direitos sociais.

Todavia, apesar de os movimentos estudantis se constituírem em espaços pedagógicos importantes na EPT, eles ainda são pouco explorados, inclusive no meio acadêmico. Em uma pesquisa realizada no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento

de Pessoal de Nível Superior (Capes), considerando apenas teses e dissertações produzidas no período de 2012 a 2023, constatou-se um número pequeno de trabalhos que abordam essa temática. Como exemplo, ao utilizar os descritores “movimento + estudantil + educação profissional e tecnológica”, “movimento estudantil + educação profissional e tecnológica”, “movimento estudantil secundarista + educação profissional e tecnológica”, “grêmio estudantil + educação profissional e tecnológica”, localizaram-se apenas 34 trabalhos. Dessa forma, apesar da existência de pesquisas sobre o tema, persiste uma lacuna significativa de estudos e debates sobre os movimentos estudantis, especialmente o secundarista, no contexto da EPT. Isso é fundamental, uma vez que a participação de jovens nesses espaços proporciona aprendizagens significativas para a formação integral dos estudantes, como a formação política e social.

Outrossim, as últimas décadas do século 20, segundo Ramos (2010, p. 46), foram marcadas pelos “preceitos da flexibilidade e do individualismo, respaldados pelo neoliberalismo econômico e pela cultura pós-moderna”, sendo esse um importante fator para o enfraquecimento dos diversos movimentos sociais. Para a autora,

[c]om a crise dos empregos e mediante um novo padrão de sociabilidade capitalista, caracterizado pela desregulação da economia e pela flexibilização das relações e dos direitos sociais, a possibilidade de desenvolvimento de projetos pessoais integrados a um projeto de nação e de sociedade tornou-se significativamente frágil [...]. Um possível projeto de futuro não teria relação nenhuma com um projeto de nação ou de sociedade – categorias consideradas obsoletas em face a globalização e do neoliberalismo –, mas seria, fundamentalmente, um projeto individual (Ramos, 2010, p. 47).

Em vista disso, o coletivo perde protagonismo em prol de desejos individuais e, por conseguinte, as lutas coletivas por interesses sociais são afetadas, ocorrendo um desinteresse dos sujeitos pela atuação coletiva. Em geral, isso afeta os movimentos sociais, incluindo os movimentos estudantis. Conforme salienta Meireles (2021, p. 102), o neoliberalismo e suas ramificações contribuem para a “fragilização e desmobilização das organizações coletivas”.

Esse discurso neoliberal pode afetar as organizações coletivas, corroborando com Carrano (2002, p. 197), ao afirmar que,

[n]o momento em que não há impedimentos formais para a organização estudantil – pelo contrário, existe legislação específica que garante esse direito –, vive-se um quadro de desmobilização e de desinteresse diante desse tipo de participação política [sendo, portanto, necessárias investigações no campo educacional].

Infelizmente, no ano de 2024, 22 anos após os apontamentos levantados por Carrano (2002), persistem quadros de desmobilização, desinteresse e desestímulos no que tange à participação política dos jovens. Esse cenário se agrava, segundo Meireles (2021), com a chegada de governos com características ultraconservadoras, uma vez que diversas ações são tomadas ou retornam à ativa com vistas à desmobilização e ao desestímulo a qualquer tipo de organização política, a exemplo das ações do “Movimento Escola sem Partido”.

Todavia, é importante ressaltar que as políticas neoliberais também se mantiveram no Brasil sob governos com posicionamentos mais alinhados à ideologia de esquerda. Durante o longo período em que o Partido dos Trabalhadores (PT) esteve no poder, especificamente de 2003 a 2016 – período em que o Partido Comunista do Brasil (PCdoB) também exerceu predominância em entidades estudantis como a União Nacional dos Estudantes (UNE) e a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (Ubes) –, houve continuidade de diretrizes neoliberais. Para Meireles (2021), os governos de esquerda não tinham como proposta a transformação social, mas sim a manutenção e a continuação da reforma neoliberal iniciada na década de 1990, adotando, portanto, uma política de caráter policlassista.

Esse quadro de desmobilização agravou-se ainda mais com a pandemia de Covid-19, pois, com o distanciamento social, muitas das organizações estudantis atuaram minimamente ou descontinuaram suas ações. Ademais, conforme pontua Meireles (2021), a pandemia de Covid-19 ampliou a perversidade do neoliberalismo, especialmente para as juventudes, tendo como uma das principais consequências a precarização crescente do trabalho e fazendo com que as juventudes adentrassem a informalidade disfarçada de empreendedorismo.

A lógica do indivíduo-empresa “desconstrói a noção de consciência de classe conquistada historicamente nas lutas travadas por organizações, coletivos e sindicatos, já que, para o neoliberalismo, quanto mais desagregada estiver a classe trabalhadora, melhor” (Meireles, 2021, p. 69). Em vista disso, torna-se necessário o desenvolvimento de iniciativas que visem ao fortalecimento dos diversos movimentos sociais, incluindo os movimentos estudantis, pois estes se contrapõem à lógica individualista e fragmentadora, cada vez mais presente na sociedade atual.

No que tange aos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IF) – instituições de EPT –, o fortalecimento desses movimentos é ainda mais necessário, uma vez que, segundo Pacheco (2015, p. 20), o que está proposto para os IF “é o compartilhamento real em uma rede multilateral, heterogênea e dinâmica, a partir de uma postura dialógica que objetive a reestruturação de laços humanos que, ao longo das últimas décadas, vêm se diluindo”.

Em face do exposto, neste estudo, analisou-se o Movimento Estudantil Secundarista (MES) no IFSP, considerando sua estrutura multicampi. O objetivo foi compreender as ações, atividades e principais temáticas abordadas pelas diferentes Organizações Estudantis Secundaristas (OES), especificamente as agremiações, visando a contribuir para a criação de espaços de troca de ideias e de diálogos coletivos entre as OES, fortalecendo, assim, o MES no Instituto.

Para tanto, a pesquisa foi orientada pelas seguintes questões norteadoras: 1) Quais são e como se organizam as OES no IFSP? 2) Que ações e atividades são realizadas pelas diferentes OES presentes no IFSP? 3) Quais temas são abordados pelas OES em suas ações e atividades? 4) Existem temas abordados pelas OES que permitem o diálogo coletivo entre si? 5) Como as OES dialogam e se comunicam entre si?

Para responder aos questionamentos acima, adotou-se uma abordagem qualitativa de natureza exploratória, utilizando o método de estudo de caso. Os estudos de caso, segundo Lüdke e André (2017, p. 21), têm como preocupação a “compreensão de uma instância singular”, ou seja, “uma representação da realidade que é multidimensional e historicamente situada” (Lüdke; André, 2017, p. 24). Nesse sentido, a escolha pelo estudo de caso se deu pela necessidade de compreender uma realidade específica – o MES no IFSP.

Os sujeitos da pesquisa foram estudantes dos cursos técnicos integrados ao ensino médio. No período de realização, em 2023 e 2024, eles estavam atuando no MES – especificamente nos campi do IFSP, nos grêmios estudantis. O IFSP possuía, em 2024, 41 campi espalhados pelo Estado de São Paulo (SP), além de sua Reitoria, evidenciando sua atuação.

Desse modo, os dados foram coletados por meio de pesquisa documental realizada mediante a coleta de informações em páginas de redes sociais, estatutos e demais documentos publicados pelas agremiações, bem como entrevistas semiestruturadas para o levantamento de dados complementares e observações assistemáticas, voltadas à compilação de dados subjetivos. Por meio de uma amostra intencional, na etapa de entrevistas, analisaram-se 12 agremiações em atividade no IFSP, totalizando a participação de 24 estudantes.

A análise dos dados ocorreu entre 2023 e 2024, empregando a Análise de Discurso Crítica (ADC) para aspectos subjetivos e Análise de Conteúdo (AC) do tipo “temática” para os dados mais objetivos. Para garantir a ética, a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do IFSP (CEP-IFSP), sob o N.º 6.752.195, CAAE 77734024.7.0000.5473.

Entre práticas e discursos: a atuação das OES no IFSP

Identificação e dinâmica organizativa

Ao todo, identificaram-se 27 grêmios estudantis ativos no IFSP, 8 não ativos, 2 não localizados e 4 não existentes – sua inexistência é justificada por se tratar de campi do IFSP criados recentemente. Em relação aos coletivos e outros movimentos, foram identificados 22, dos quais 17 estão em atividade, demonstrando considerável participação e atuação dos estudantes nesses movimentos sociais; eles possuem como característica um funcionamento menos institucionalizado e mais flexível de articulação, se comparados aos grêmios estudantis, compostos exclusivamente por estudantes secundaristas.

Apesar de haver um cenário de desarticulação de muitas organizações estudantis no Brasil, principalmente após a pandemia de Covid-19, bem como pelo crescente discurso neoliberal – que tem como respaldo o individualismo –, no IFSP há um cenário diverso. Essa diversidade se concretiza quando comparada com a realidade de muitas escolas das redes municipais e estaduais de educação básica no Brasil³, especialmente ao constatar um número considerável de OES ativas. Isso pode estar relacionado à sua infraestrutura de qualidade e ao quadro docente bem remunerado, comparado com a remuneração paga nas redes estaduais e municipais de ensino, além das diversas ações relacionadas ao ensino, à pesquisa e à extensão, que tendem a contribuir para a formação humana integral desses estudantes.

Contudo, é necessário pontuar que esse cenário evidenciado no IFSP não ocorre em outras instituições da rede federal, como no Instituto Federal do Piauí (IFPI). Segundo Lima (2021), a presença de grêmios no IFPI não é uma realidade concreta, visto que existem poucos grêmios ativos nos campi do Instituto. Por isso, é preciso que os dados levantados sejam compreendidos no contexto específico do IFSP.

Embora haja uma separação visível entre a atuação dos grêmios estudantis, coletivos e outros movimentos, existe uma articulação de ações e atividades entre eles, especialmente quando estão presentes no mesmo espaço geográfico, enriquecendo e fortalecendo ainda mais a atuação dessas organizações. Dessa forma, um exemplo dessa articulação é o “Movimento Ubuntu” do Câmpus São Roque do IFSP, cujo principal foco é a luta pela politização dos alunos e possui muitas ações e atividades articuladas com o grêmio “Mário de Andrade”.

³ “De todas as escolas públicas do Brasil, **apenas 12,3% possui um grêmio estudantil**, de acordo com a análise produzida pela Campanha Nacional pelo Direito à Educação” (Pellanda; Frossard, 2023, p. 7, grifos das coordenadoras).

Evidenciou-se que o principal meio de comunicação utilizado pelas diferentes OES do IFSP é a rede social *Instagram*, enquanto uma minoria utiliza plataformas como o *Facebook*, o *Twitter*⁴, o *TikTok* e o *YouTube*. Além disso, observou-se que 16 grêmios estudantis possuem informações sobre suas respectivas organizações nas páginas institucionais dos campi. No entanto, constatou-se não haver atualizações constantes dessas informações e, em alguns casos, há apenas informações básicas e documentos relacionados ao processo eleitoral. Ademais, identificou-se que apenas dois grêmios utilizam o jornal estudantil, refletindo seu baixo alcance atual.

No que tange ao *Instagram* como principal meio de comunicação, destaca-se a existência de múltiplas contas para um mesmo grêmio, causadas por mudanças de nome de usuário a cada gestão ou pela coexistência de contas da chapa e da organização, dificultando a centralização de informações e conhecimentos. Algumas agremiações, contudo, preservam uma única conta na rede social ao longo dos anos, todavia, isso é minoria, representando nesta pesquisa somente três agremiações.

Essas práticas comunicacionais desconexas e descontinuadas prejudicam a consolidação das organizações estudantis, tanto no Instituto quanto na comunidade que representam, uma vez que informações e conhecimentos são perdidos pelo público que segue/acompanha a organização. Isso evidencia a importância de se promover discussões acerca das práticas comunicacionais existentes nesses movimentos, uma vez que os meios de comunicação interferem diretamente nas práticas e estruturas sociais, na medida em que, segundo Thompson (2014), os meios de comunicação modificam as estruturas sociais pela alteração das formas de ação e interação, pela alteração do espaço-tempo, pela disseminação de bens e conteúdos simbólicos, e pela alteração da compreensão e da percepção que os indivíduos têm sobre o mundo, sendo importantes meios para a organização do poder.

De modo geral, destacam-se as organizações, os coletivos, os movimentos e os partidos políticos externos ao IFSP, com os quais os grêmios possuem articulação e/ou se constituem. Dentre eles, destacam-se a Federação Nacional dos Estudantes em Ensino Técnico (Fenet), a União da Juventude Rebelião (UJR), o Movimento Rebele-se, o Movimento de Mulheres Olga Benário, o Movimento Correnteza, a Associação Regional dos Estudantes Secundaristas do Grande ABC (Ares ABC) e a União Municipal dos Estudantes Secundaristas de São Paulo (Umes-SP). Entre os 12 grêmios participantes, 4 são filiados à

⁴ Atualmente, em 2026, denomina-se “X”, embora continue popularizado como *Twitter*.

Fenet, por exemplo. Essa articulação fortalece a atuação coletiva, como também revela a influência de partidos políticos nas ações estudantis.

Ademais, há evidências de uma diversidade de posicionamentos e práticas em relação à filiação política nos discursos dos estudantes. Quanto à filiação deles enquanto grêmios, alguns optam por manter-se independentes; acreditam que essa independência visa a manter a autonomia de escolha, deixá-los abertos a novas oportunidades e, além disso, evitar conflitos que possam surgir tanto com a gestão dos campi quanto na própria região onde o grêmio está inserido, especialmente em locais com características mais conservadoras.

Contudo, eles também acreditam que essa relação com outros movimentos e partidos é importante, seja para a união de pautas e lutas ou mesmo pela conexão de ideais políticos. Por outro lado, outros grêmios estabelecem parcerias e filiações, ao acreditarem que isso amplia e fortalece suas lutas, promovendo uma “coletivização” delas. Ademais, eles obtêm apoio, orientações e experiências que beneficiam suas ações mutuamente, consideradas por eles essenciais para o fortalecimento do grêmio e o engajamento em lutas estudantis, além de auxiliarem no entendimento de uma perspectiva crítica sobre as dificuldades enfrentadas pela juventude.

No que tange à filiação individual deles enquanto estudantes, constatou-se que muitos são ou já foram filiados a partidos políticos ligados às juventudes, bem como uma diversidade de partidos políticos com os quais os estudantes se envolvem, com predominância de partidos registrados como de “esquerda”. Dentre os partidos, foram citados a UJR, a União da Juventude Socialista (UJS), a União da Juventude Comunista (UJC), a Juventude Pátria Livre (JPL), a União Popular (UP), a União Juventude e Liberdade (UJL) e a Organização Comunista Internacional (OCI).

Nesse contexto, somente a UJL apresenta um diferencial maior em comparação aos demais, por visar a “combater a hegemonia ideológica de esquerda que prevalece nas [...] universidades e na UNE” (Juventude Livre, ca. 2020, n.p.). Cabe salientar que a UJL surgiu em julho de 2020, em um período no qual o conservadorismo se intensificou no Brasil. Nesse sentido, conforme pontuado por Mesquita (2009) e Foracchi (2018), observa-se que as juventudes são representações da sociedade e da crise do sistema, podendo ser faces de uma mesma moeda.

Isso revela as diversas concepções políticas e ideológicas que envolvem as juventudes brasileiras, merecedoras de estudos futuros, uma vez que essas concepções podem influenciar as ações dos diferentes movimentos sociais, seja fragmentando-os ou unindo-os. Conforme pontuado por Barbosa (2002), acredita-se que o envolvimento dos estudantes com partidos

políticos e outras organizações políticas é benéfico, afinal, a formação política é fundamental. No entanto, o que não deve ocorrer é o uso dos movimentos estudantis por esses partidos, deixando os interesses dos estudantes de lado, ou seja, “o aparelhamento do movimento estudantil aos partidos políticos” (Barbosa, 2002, p. 12).

Em um dos discursos analisados, um estudante destaca a importância do movimento estudantil para formar futuras lideranças políticas; isso se confirma com a candidatura de um gremista ao cargo de vereador. Dessa forma, acredita-se que essa relação é um fator a ser considerado na fragmentação ou união dos movimentos estudantis, por haver discordâncias políticas e ideológicas, inexistindo a união estudantil por pautas comuns.

Além disso, há discursos que reforçam a descrença da sociedade nas juventudes, conforme pontuado por Dayrell e Carrano (2014), bem como críticas ao ambiente escolar por não ser considerado um espaço de apoio ao desenvolvimento dos estudantes, por exemplo, na compreensão da realidade social que os permeia. Esse apoio, muitas vezes, é dado pelos partidos políticos e/ou movimentos sociais, segundo os estudantes. Isso levanta questões importantes, como: “Qual é o papel da escola nesse debate, nessa atuação?”, “A escola, e mais especificamente as instituições de EPT, não deveriam debater temáticas que permeiam a realidade social?”, “Por que o estudante teve essa perspectiva de compreensão da realidade somente após adentrar em um partido político ou por meio da militância?”, “Quais são os espaços de participação política juvenil na EPT?”. Esses questionamentos merecem ser problematizados, especialmente em instituições de EPT, cuja perspectiva garante uma formação humana integral e não voltada unicamente para o mercado de trabalho.

Assim sendo, deve-se considerar os inúmeros fatores que podem influenciar a dinâmica de funcionamento dos grêmios estudantis e suas relações com as demais organizações, sejam elas políticas ou não, assim como o papel da escola nesse processo e nessa formação.

Ações, atividades e temáticas

No que se refere às ações, atividades e temáticas abordadas pelas diversas agremiações existentes no IFSP, evidenciou-se que as ações e atividades se repetem; no entanto, alguns grêmios apresentam um maior desenvolvimento de ações e atividades do que outros. Desse modo, há agremiações que possuem uma forte atuação, desenvolvendo inúmeras ações e atividades no decorrer do ano, além de terem uma articulação com outras

organizações, coletivos, movimentos e partidos políticos, bem como grêmios que possuem uma atuação mínima.

No que tange às temáticas, constatou-se uma certa similaridade entre as diferentes agremiações, demonstrando que muitas delas são reflexos de fenômenos sociais que ocorriam no período analisado, ou seja, conectam-se com discursos mais amplos que permeiam a sociedade. Como exemplos, tem-se a temática “Políticas/Reformas Educacionais”, na qual muitos grêmios realizaram ações e atividades relacionadas à reforma do ensino médio; a temática “Privatização de Órgãos Públicos”, na qual abordaram a privatização da Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp) e da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM); e a temática “Direitos Estudantis”, que englobou ações em torno do direito à alimentação (restaurante estudantil) e ao transporte (passe-livre). Logo, evidencia-se que as temáticas abordadas pelos grêmios estudantis permitem um diálogo coletivo entre eles.

Nesse horizonte, percebeu-se que as ações e atividades realizadas pelos diversos grêmios também são bastante semelhantes, divergindo apenas na quantidade que cada um realiza, mesmo que possam ser trabalhadas em conjunto. Nesse sentido, embora haja uma diversidade por cada agremiação, há relações entre elas. As práticas sociais, por exemplo, se relacionam entre si e com os fenômenos sociais presentes na atualidade, seja direta ou indiretamente – algo notável por meio dos textos materializados e publicados nas suas redes sociais. De acordo com Batista Júnior, Sato e Melo (2018, p. 127), “cada prática se articula a outras práticas, [assim,] os elementos e as redes de práticas influenciam-se, de modo a fazer circular um conjunto de conhecimentos e crenças/valores/desejos que, compartilhados, formam as ordens do discurso”.

Todavia, embora se observem similaridades tanto nas ações e atividades quanto nas temáticas, constatou-se que uma parcela considerável delas não é desenvolvida de forma coletiva e integrada, considerando a estrutura em rede multicampi do IFSP. Isso conduz à reflexão sobre o motivo dessa falta de integração e articulação, uma vez que o movimento estudantil secundarista poderia ser mais forte com uma articulação integrada, favorecendo o compartilhamento de conhecimentos e promovendo uma aprendizagem conjunta.

Para melhor compreensão da existência de relações nas práticas das agremiações, buscou-se analisar 24 publicações veiculadas na rede social *Instagram* de algumas agremiações, as quais foram selecionadas como *corpus* de análise. As publicações escolhidas apresentavam temáticas abordadas por mais de uma agremiação, sendo aquelas de maior amplitude; logo, não foram selecionadas publicações nas quais o foco fosse somente o campus de atuação da organização.

Na ADC existem diversas categorias de análise que podem ser abordadas a depender do contexto (Irineu, 2022). Para a análise das 24 publicações selecionadas, foram consideradas categorias de análise: o gênero discursivo, a intertextualidade e a interdiscursividade, por se acreditar que essas categorias tinham relação com os objetivos da pesquisa.

O gênero discursivo supramencionado refere-se à forma como os estudantes agem e interagem de maneira relativamente instável na sociedade por meio da linguagem, isto é, como se comunicam e interagem coletivamente. A intertextualidade foi considerada ao objetivar verificar a existência de uma articulação entre os textos produzidos, consumidos e distribuídos pelos estudantes participantes das agremiações, bem como outros textos e/ou vozes. Por fim, considerou-se a interdiscursividade, que objetiva verificar uma combinação de discursos entre os participantes da pesquisa. Optou-se por essas categorias ao acreditar que elas auxiliam na verificação de similaridades e divergências nas práticas das diferentes agremiações existentes no IFSP, com vistas ao estabelecimento de um possível diálogo e comunicação entre elas.

No âmbito da ADC, os gêneros discursivos levam “em consideração que eles não são categorias puramente linguísticas, uma vez que não somente estabelecem relações entre os sujeitos sociais, mas também exercem ação de uns sobre outros, a qual pressupõe a distribuição de poder na sociedade” (Pinheiro *et al.*, 2022, p. 140). Assim, o gênero discursivo é uma das formas pelas quais os estudantes participam da sociedade.

Diante disso, o gênero discursivo analisado foi “publicação de *Instagram*”, que veicula conteúdos diversos sobre as práticas de determinado grupo, contendo imagens, vídeos e textos, além da possibilidade de interações com os usuários por meio de comentários, curtidas e compartilhamentos. Por meio desse gênero, os estudantes agem e interagem discursivamente com a sociedade por meio da linguagem, além de estarem representadas, por meio dele, as suas ações e atividades, ou seja, suas práticas sociais.

Em geral, observou-se que os textos funcionam como uma “resistência”, como forma de “contraposição” aos discursos dominantes presentes na sociedade, que os afetam direta ou indiretamente. É como se fosse uma voz que busca mostrar o seu ponto de vista. Isso posto, buscam, por meio dela, se posicionar perante os acontecimentos e conscientizar e/ou convocar seu público para que se una às suas lutas. A “publicação de *Instagram*” se destaca, uma vez que, vinculada à internet, proporciona maior alcance por ser uma linguagem que se adequa ao grupo que a utiliza.

Nesse sentido, verificou-se no *corpus* de análise a relação entre gênero discursivo (linguagem) e poder, especialmente no que tange à temática de “Política/Reformas Educacionais – Reforma do Novo Ensino Médio”, na qual os grêmios estudantis se posicionam contrários ao discurso oficial e publicitário veiculado pelo governo nos grandes canais de comunicação. Esse discurso defende a Lei nº 13.415/17 como uma legislação que inova o ensino médio, ao permitir ao estudante escolher sua trajetória curricular conforme seus desejos pessoais e profissionais, aumentando sua satisfação no ambiente escolar e a qualidade do ensino.

Para os grêmios estudantis do IFSP, essa lei não proporciona nenhuma mudança positiva para a educação nem propõe melhorias e investimentos para as escolas, mas aumenta a precarização do ensino e o distanciamento entre ensino público e privado, sendo uma proposta que busca alienar e dificultar ainda mais o acesso de estudantes advindos de escolas públicas às universidades públicas. Há, portanto, um embate discursivo entre aqueles favoráveis à reforma do ensino médio e os que são contra ela; para fortalecer seu discurso, os grêmios estudantis se utilizam do gênero discursivo “publicação de *Instagram*”.

Conforme Magalhães, Martins e Resende (2017), a linguagem, por si só, não tem poder, mas isso muda quando ela é utilizada por pessoas que o possuem. Desse modo, para Wodak [2009?], n.p. *apud* Magalhães; Martins; Resende, 2017, p. 37, “a linguagem pode ser usada para desafiar o poder, subvertê-lo, modificar sua distribuição no curto e no longo prazo, ou também para a manutenção de relações de poder”. No gênero discursivo utilizado pelos grêmios estudantis, essa linguagem é válida para desafiar o poder, por ser por meio da atuação dos grêmios que os estudantes buscam se posicionar para elencar suas opiniões perante a sociedade.

Ademais, outro embate discursivo presente no *corpus* de análise referiu-se à temática “Privatização de Órgãos Públicos”, em que alguns grêmios se posicionaram contrários à privatização da Sabesp e da CPTM, visto que apoiaram os trabalhadores que aderiram à greve e se opuseram ao Governo do Estado de SP ao propor essas ações. Diante disso, percebeu-se como os grêmios estudantis se utilizavam do gênero discursivo para posicionar-se perante os estudantes e à sociedade.

Nesses dois embates discursivos, é visível o posicionamento dos grêmios quanto às temáticas supracitadas, mesmo atuando em espaços distintos. Dessa maneira, o contexto de produção, distribuição e consumo desses textos reflete os diversos embates discursivos presentes no Brasil no período analisado (2023-2024) e como os grêmios se posicionam

discursivamente, demonstrando as relações de poder no uso da linguagem por meio das mídias sociais, em especial das redes sociais.

Observou-se que os textos produzidos possuem um caráter político, tendo como propósito a divulgação e o posicionamento acerca dos acontecimentos sociais, com vistas a agregar novos estudantes às suas lutas e à sua ideologia. Por isso, observou-se o uso de uma linguagem representativa de uma coletividade, ou seja, estão presentes nos textos palavras que expressam uma voz coletiva. Como exemplo, observam-se os seguintes verbos presentes nos textos: “queremos”, “iremos”, “podemos”, “sairemos”, “devemos”, “lutaremos”, “estaremos”, “teremos”, “sofremos”, “tivemos”, “tomaremos”, “convidamos”, “convocamos”, “marcamos”, “chegarmos”, “vamos”, “estamos”, “convocam”, “mostramos”, “precisam”. De modo geral, essas palavras remetem a uma contraposição à realidade atual, configurando uma forma de discordância.

Como salienta Pinheiro *et al.* (2022, 142), “[d]ominar um modo social de agir e de fazer as coisas nessas atividades é, em grande medida, dominar um modo social de dizer, de atuar via linguagem”. Dessa forma, observou-se que os grêmios estudantis do IFSP apresentam, com muita similaridade, um modo próprio de agir, mesmo atuando em realidades específicas. Seus propósitos se relacionam com o gênero discursivo “publicação de *Instagram*”, na medida em que os principais objetivos de uma postagem nessa rede social são a divulgação, o posicionamento, o compartilhamento e a interação entre usuários.

Em relação à intertextualidade, sua presença foi evidenciada nas práticas sociais dos grêmios estudantis, por meio de uma rede de textos em torno de uma temática específica. Essa rede foi veiculada nas redes sociais de cinco agremiações do IFSP que se posicionaram acerca do evento ocorrido no dia 6 de dezembro de 2023 na Assembleia Legislativa de São Paulo (Alesp). Esse evento reuniu diversos grupos, como sindicatos, representantes de partidos políticos, população em geral e estudantes, para protestar contra a votação do projeto do Governo do Estado de SP que visava privatizar a Sabesp. O referido dia foi marcado por confusões na Alesp, culminando na prisão de estudantes e agressões pela polícia militar, conforme notícia veiculada pela plataforma G1 (Manifestantes, 2023).

Após o evento ocorrido na Alesp, uma rede de textos foi veiculada nas redes sociais de diversos grêmios estudantis do IFSP e de outras organizações (não descritas no estudo). Observou-se que essa rede surgiu com o intuito de repudiar e criticar as ações realizadas por agentes do Estado na Alesp no dia supramencionado.

Diante disso, essa rede de textos corrobora com Chaves *et al.* (2022, p. 105, grifos do autor), ao enfatizar que “uma *rede de textos* possui efeitos sociais que são relacionados à

compreensão da realidade”, demonstrando assim a compreensão de alguns grêmios do IFSP sobre o ocorrido na data 6 de dezembro de 2023. Na rede de textos, é possível perceber similaridades que enfatizam um discurso de crítica à privatização e às ações dos agentes do Estado, sendo as palavras “privatização”, “liberdade” e “repressão” fatores fundamentais para a produção, distribuição e consumo desses textos. Assim, o discurso propagado nessa rede realça e enfatiza o posicionamento dos grêmios estudantis sobre as privações decorrentes da política neoliberal no Brasil.

A interdiscursividade, por sua vez, ocorre nos grêmios estudantis do IFSP na medida em que se percebe um modo de ação próprio – uma combinação discursiva desse grupo em relação aos fenômenos sociais. Os discursos são reproduzidos em diferentes contas do *Instagram*, fortalecendo-o perante a comunidade que representam. Em comum, possuem um posicionamento contrário à reforma do ensino médio e à privatização de órgãos públicos, e lutam pela defesa dos direitos estudantis e por uma educação pública e de qualidade. Ademais, há a identificação de um discurso que se opõe ao discurso neoliberal e fascista presente na sociedade.

No *corpus* de análise, observa-se a presença de um discurso de orientação política e ideológica. O discurso dos grêmios é político, ao posicionar-se contrário à reforma educacional, defendendo uma educação pública e de qualidade para todos, como um direito. Logo, não a encaram como um objeto ou mercadoria do setor privado. Dessa forma, utiliza-se da linguagem para modificar um discurso presente na sociedade. Conforme Araújo *et al.* (2022, p. 28), “em uma sociedade de classe, a educação sempre será um espaço em disputa”, algo evidente (disputa discursiva) no posicionamento de alguns grêmios do IFSP sobre a temática.

No que tange ao aspecto ideológico, há nos discursos dos grêmios a presença da ideologia defendida por eles, sendo esta uma ideologia de defesa dos direitos das minorias, como a educação pública de qualidade. Defende-se, assim, uma educação pública de qualidade independente da classe social, almejando a igualdade de gênero, as lutas contra o racismo e a garantia dos direitos humanos, contrária às ideologias privatistas, conservadoras e fundamentalistas.

Desse modo, percebe-se interdiscursividade nos textos produzidos e distribuídos pelos grêmios do IFSP, pois existem relações entre os discursos. Isso evidencia um conjunto de práticas discursivas de determinado grupo, gerando uma multiplicidade de textos que se relacionam e apresentam similaridades. Sendo assim, evidencia-se a relação entre a sociedade e a linguagem, além de como os grêmios utilizam esta – mediante o uso das mídias sociais –

para se expressar, se posicionar e atuar na sociedade, demonstrando que o aumento de espaços é fator fundamental nas diversas lutas sociais, políticas e culturais.

Diálogo e comunicação

As práticas das diferentes agremiações entrevistadas estão relacionadas com o uso das plataformas de mídias sociais, especialmente do *Instagram*. Isso revela como as práticas comunicativas dos grêmios estudantis se relacionam ao contexto social atual em que estão inseridos, com o uso gradativamente crescente dessas mídias sociais na sociedade. A internet, e, conseqüentemente, o uso dessas mídias, alteram as formas de atuação e articulação dos movimentos sociais (Gohn, 2018).

Segundo Thompson (2014), essas plataformas são os meios técnicos utilizados pelas agremiações para a disseminação, por meio da linguagem, de conteúdos simbólicos. Para ele, “os meios técnicos, e as informações ou conteúdo simbólico neles armazenados, podem ser assim de fonte para o exercício de diferentes formas de poder” (Thompson, 2014, p. 45). Nesse sentido, é fundamental que as agremiações se apropriem desses meios como um importante meio de ação na sociedade, além de compreenderem seu uso e impacto na disseminação de conteúdos simbólicos.

Nesse contexto, observou-se um discurso consistente dos estudantes acerca da importância das redes sociais na atuação dos grêmios estudantis, seja para a comunicação entre si ou para a promoção de ações e atividades. Os alunos elencam, em suas falas, características positivas no uso das redes sociais pelas agremiações, como acessibilidade, alcance, interatividade, visibilidade e efetividade.

Ademais, há uma valorização das mídias sociais, especificamente das redes sociais, como veículo de promoção da comunicação estudantil. Contudo, os jovens também elencam desafios enfrentados na comunicação estudantil, por exemplo, o acesso à tecnologia e a acessibilidade digital. Dessa forma, é necessário refletir sobre questões relacionadas à desigualdade de acesso aos recursos tecnológicos, bem como à acessibilidade digital, de modo a proporcionar a participação de todos na sociedade.

Enfatizam, além disso, a não leitura de textos consideravelmente longos pelos estudantes, demonstrando uma característica do consumo de conteúdos na sociedade atual – algo importante para a compreensão das concepções de mundo das juventudes, a exemplo de quais conteúdos atuais são de seu interesse, quais são consumidos por eles e quais gêneros discursivos mais lhes interessam. Nessa perspectiva, percebe-se que as mídias sociais, em

especial as redes sociais, têm um papel significativo na atuação das agremiações do IFSP, o que possibilita compreender o papel da comunicação no MES.

A comunicação integra as relações das diversas juventudes e desempenha um papel fundamental na atuação dos movimentos estudantis, que utilizam os meios de comunicação para a articulação, expressão e ação por meio da linguagem. Logo, compreender a importância desses meios na sociedade é fundamental. Por isso, é necessário ampliar os espaços de voz das juventudes, incentivando-as a usar os meios de comunicação de maneira consciente, crítica, colaborativa e integrada. Nesse contexto, Thompson (2014, p. 36) salienta que a “comunicação é uma forma de ação. [...] [P]roferir uma expressão é executar uma ação e não apenas relatar ou descrever um estado das coisas”.

Nessa perspectiva, buscou-se compreender como as OES dialogam e se comunicam entre si, tendo em vista a estrutura em rede do IFSP. Nos discursos, evidenciou-se que todos os estudantes acreditam ser importante possuir diálogo e comunicação com outros grêmios presentes no Instituto, elencando aspectos nos quais esse diálogo e comunicação poderia auxiliá-los. Além disso, eles destacam o seu poder de proporcionar maior integração, alinhamento e apoio entre os grêmios, bem como a troca de experiências e aprendizados – especialmente para aqueles que estão no início de suas atividades –, compreensão da diversidade de realidades entre os campi; o estabelecimento de parcerias e a ampliação de suas lutas e mobilizações coletivas.

Apesar de ser unânime a importância do estabelecimento de um diálogo e da comunicação entre as agremiações, constatou-se que elas não dialogam entre si; caso ocorra o diálogo, ele dá-se de forma incipiente. Identificou-se um avanço significativo nessa aproximação no período da greve de servidores do IFSP, iniciada em abril de 2024, possibilitando observar que esse diálogo e essa comunicação podem constituir um processo rico para a formação dos estudantes e para o fortalecimento e a continuidade das agremiações. Essas trocas são fundamentais para a atuação de organizações coletivas.

Sendo assim, percebe-se que o diálogo e a comunicação apresentam dificuldades, algo a ser repensado pelas instituições escolares, uma vez que tais espaços poderiam ser ricos em trocas de experiência entre os estudantes envolvidos no movimento estudantil, seja ele secundarista ou universitário.

Com base no exposto, destacam-se os seguintes questionamentos: “Por que esse diálogo e essa comunicação não acontecem?” e “Quais são os fatores que impossibilitam essa interlocução?”. Como resposta, diversas causas podem estar envolvidas. Entre elas, podemos citar: a falta de conhecimento acerca da atuação coletiva; posicionamentos ideológicos

divergentes entre as agremiações; distância geográfica entre os campi; mudanças constantes nas gestões das agremiações, que possuem mandatos de um ano; ausência de repasse de informações para as gestões seguintes; alterações frequentes nas contas do *Instagram* da OES a cada troca de gestão; informações desatualizadas (ou a ausência delas) nos portais institucionais dos campi; e, por fim, a dificuldade em localizar uma relação atualizada das OES existentes no IFSP com seus respectivos contatos.

Desse modo, muitos fatores contribuem para essa falta de diálogo e comunicação entre as agremiações. Contudo, é necessário questionar se essa atuação não seria reflexo de uma sociedade cada vez mais individualista e fragmentada. Logo, questiona-se: “Os diversos movimentos sociais – incluindo o movimento estudantil secundarista – não deveriam, mesmo com suas heterogeneidades, atuar em torno de objetivos comuns?”.

Nesse sentido, é fundamental incentivar uma atuação coletiva e colaborativa que fortaleça o movimento. Isso contribui para a construção de uma sociedade justa e igualitária, além de proporcionar uma formação ampla e integral para os estudantes.

Considerações finais

Com base nos resultados apresentados ao longo do texto, observa-se a necessidade de ampliar os debates acerca da importância da atuação das juventudes nos movimentos sociais, explorando as múltiplas possibilidades formativas proporcionadas por eles, a exemplo da formação política das juventudes. Ainda que em uma instituição de EPT com atuação em rede, multicampi, cujo fundamento é a formação humana integral sob uma perspectiva emancipadora, constatou-se que os movimentos estudantis constituem um espaço pedagógico pouco explorado e carecem de incentivos, debates e fortalecimento.

Além disso, evidenciou-se que, apesar da existência de um número considerável de agremiações ativas no IFSP e da presença de similaridades em suas ações, atividades e temáticas, há pouco diálogo e comunicação entre elas, mesmo em um Instituto de EPT com estrutura multicampi e funcionamento em rede. Esse cenário revela fragilidades na articulação coletiva e colaborativa das OES e, conseqüentemente, na atuação do MES.

Ademais, destaca-se o papel da comunicação nas práticas dessas organizações, especialmente pelo uso das plataformas de mídias sociais, que atualmente desempenham importante papel na forma como dialogam e se comunicam entre si e com a sociedade. Por isso, é fundamental que as agremiações se apropriem desses meios como um importante instrumento de ação na sociedade, compreendendo seu uso e seu impacto na disseminação de

conteúdos simbólicos. Por fim, espera-se que esta pesquisa seja um início para outros estudos e ações que visam fortalecer esse espaço pedagógico proporcionado pelos movimentos estudantis.

Referências

ARAÚJO, C. P. *et al.* Interdiscursividade. *In*: IRINEU, L. M. (org.). **Análise de discurso crítica: exercícios analíticos**. Campinas: Pontes Editores, 2022. p. 21-35.

BARBOSA, A. A (des)articulação do movimento estudantil: (décadas de 80 e 90). **Educação: Teoria e Prática**, Rio Claro, v. 10, n. 18, p. 5-14, 2002. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/1139>. Acesso em: 5 set. 2024.

BATISTA JÚNIOR, J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. (org.). **Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas**. São Paulo: Parábola, 2018.

CARRANO, P. C. R. Jovens e participação política. *In*: SPOSITO, M. P. (org.). **Juventude e escolarização (1980-1998)**. Brasília: MEC; Inep; Comped, 2002. p. 185-202. Disponível em: http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/juventude_escolarizacao_n7_0.pdf. Acesso em: 20 jun. 2023.

CHAVES, A. M. O. *et al.* Intertextualidade. *In*: IRINEU, L. M. (org.). **Análise de discurso crítica: exercícios analíticos**. Campinas: Pontes Editores, 2022. p. 95-114.

DAYRELL, J.; CARRANO, P. Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola. *In*: DAYRELL, J.; CARRANO, P.; MAIA, C. L. (org.). **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: UFMG, 2014. p. 101-133. Disponível em: https://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2015/01/livro-completo_juventude-e-ensino-medio_2014.pdf. Acesso em: 7 jun. 2023.

FORACCHI, M. M. **A juventude na sociedade moderna**. 2. ed. São Paulo. Edusp, 2018.

G1 (2023) → <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/12/07/manifestantes-presos-em-protesto-contraprivatizacao-na-alesp-sao-indiciados-por-associacao-criminosa-agressao-resistencia-e-desobediencia.ghtml>

GOHN, M. G. Jovens na política na atualidade: uma nova cultura de participação. **Caderno CRH**, Salvador, v. 31, n. 82, p. 117-133, 2018. DOI 10.1590/S0103-49792018000100008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/jBGbrMwxkJBxvytwVnz9Wcp/?lang=pt>. Acesso em: 11 mar. 2026.

IRINEU, L. M. (org.). **Análise de discurso crítica: exercícios analíticos**. Campinas: Pontes Editores, 2022.

JUVENTUDE LIVRE. Juventude livre: juventude, ativismo e liberdade! **LinkedIn**, [ca. 2020]. Disponível em: <https://www.linkedin.com/company/juventude-livre/>. Acesso em: 11 mar. 2026.

LIMA, T. M. C. D. **(Res)significação do papel do grêmio estudantil e a sua contribuição para o protagonismo juvenil no IFPI**. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal do Piauí, Parnaíba, 2021. Disponível em: <http://bia.ifpi.edu.br:8080/jspui/handle/123456789/903>. Acesso em: 9 ago. 2023.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2017.

MAGALHÃES, I.; MARTINS, A. R.; RESENDE, V. M. **Análise de discurso crítica: um método de pesquisa qualitativa**. Brasília: UNB, 2017.

MANIFESTANTES presos em protesto contra privatização da Sabesp na Alesp são indiciados por associação criminosa, agressão, resistência e desobediência. **G1**, São Paulo, 7 dez. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/12/07/manifestantes-presos-em-protesto-contra-privatizacao-na-alesp-sao-indiciados-por-associacao-criminosa-agressao-resistencia-e-desobediencia.ghtml>. Acesso em: 11 mar. 2026.

MEIRELES, A. C. **Estudantes, uni-vos!** Os grêmios estudantis e o movimento conservador “escola sem partido”. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2021. Disponível em: <http://www.biblioteca.uesc.br/biblioteca/bdtd/201910154D.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2023.

MESQUITA, M. R. **Identidade, cultura política: os movimentos estudantis na contemporaneidade**. Maceió: Edufal, 2009.

PACHECO, E. **Fundamentos político-pedagógicos dos Institutos Federais: diretrizes para uma Educação Profissional e Tecnológica transformadora**. Natal: IFRN, 2015.

PELLANDA, A.; FROSSARD, M. (coord.). **Projeto Euetu: grêmios e coletivos estudantis: estudo I: mapeamento quantitativo nacional: mapeamento qualitativo do Maranhão: entrevistas e chatbot**. São Paulo: Insituto Campanha, 2023.

PINHEIRO, G. C. *et al.* Gêneros discursivos. *In*: IRINEU, L. M. (org.). **Análise de discurso crítica: exercícios analíticos**. Campinas: Pontes Editores, 2022. p. 139-159.

RAMOS, M. Ensino médio integrado: ciência, trabalho e cultura na relação entre educação profissional e educação básica. *In*: MOLL, J. (org.). **Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo: desafios, tensões e possibilidades**. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 42-57.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

Submetido em 26 de fevereiro de 2026.

Aprovado em 1º de março de 2026.